

Produção de
SENTIDO
estudos transdisciplinares

Ana Maria Ibaños
Augusto Soares da Silva
Dinorá Fraga da Silva
Ernilo Stein
Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (org.)
Hanna Jakubowicz Batoréo
Jayme Paviani
Jorge Campos da Costa
Jorge de Albuquerque Vieira

José Teixeira
Luiz Antônio Marcuschi
Maria de Lourdes Dionísio
Mário Vilela
Miguel Gonçalves
Paula Lenz Costa Lima
Roberta Pires de Oliveira
Rui Vieira de Castro



© dos autores

Capa: Thanara Schönardie
Coordenadora editorial: Heloísa Pedroso de Moraes Feltes
Índice remissivo: Heloísa Pedroso de Moraes Feltes
Revisão ortográfica: Ivone Justina Polidoro Franco
Planejamento gráfico: Traço Diferencial

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P963 Produção de sentido: estudos transdisciplinares / organizado por
Heloísa Pedroso de Moraes Feltes – São Paulo: Annablume;
Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003.

460 p.

ISBN 85-7419-320-8

1. Filosofia da Linguagem. 2. Semântica Cognitiva. 3. Significação.
I. Feltes, Heloísa Pedroso de Moraes.

CDD 149.94

1ª edição: março de 2003



EDUCS

EDUCS

Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95001-970 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 218 2197

Home page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



NOVA PROVA EDITORA

Rua Santos Dumont, 1186 – Bairro São Geraldo – 90230-240 – Porto Alegre – RS

Telefone/telefax: (51) 3346 5454 – e-mail: novaprova@novaprova.com.br – home page:

www.novaprova.com.br



ANNABLUME

editora. comunicação

Rua Padre Carvalho, 275 – Pinheiros – 05427-100 . São Paulo – SP – Brasil

Telefone/Telefax: (011) 3812.6764 – Televendas 3031-9727

home page: www.annablume.com.br



Autores

Ana Maria Ibaños

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil

Augusto Soares da Silva

Universidade Católica Portuguesa, Braga – Portugal

Dinorá Fraga da Silva

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Brasil

Universidade do Minho, Braga – Portugal

Ernildo Stein

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes

Universidade de Caxias do Sul – Brasil

Hanna Jakubowicz Batoréo

Universidade Aberta, Lisboa – Portugal

Jayme Paviani

Universidade de Caxias do Sul – Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil

Jorge Campos da Costa

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil

Jorge de Albuquerque Vieira

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil

Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

José Teixeira

Universidade do Minho, Braga – Portugal

Luiz Antônio Marcuschi

Universidade Federal de Pernambuco – Brasil

Maria de Lourdes Dionísio

Universidade do Minho, Braga – Portugal

Mário Vilela

Universidade do Porto, Porto – Portugal

Miguel Gonçalves

Universidade Católica Portuguesa, Braga – Portugal

Faculdade de Filosofia de Braga, Braga – Portugal

Paula Lenz Costa Lima

Universidade Estadual do Ceará – Brasil

Roberta Pires de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil

Rui Vieira de Castro

Universidade do Minho, Braga – Portugal

O texto abaixo corresponde à seguinte citação

Teixeira, José (2003). "Modelos mentais na verbalização espacial do português europeu (...porque 'à frente' pode ser igual a 'atrás')", in FELTES, Heloísa (Org.), *Produção de Sentido – Estudos Transdisciplinares*, São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, pp. 201-237.



MODELOS MENTAIS NA VERBALIZAÇÃO
ESPACIAL DO PORTUGUÊS EUROPEU
(... PORQUE "À FRENTE" PODE SER IGUAL A "ATRÁS")

José Teixeira

Por uma semântica do real

A pequena-grande novidade que a Semântica Cognitiva traz a nível prático centra-se, essencialmente, no facto de libertar o significado/conceito da necessidade dos semas comuns/nucleares. Em todas as análises feitas pela perspectiva da Semântica Estruturalista era um autêntico quebra-cabeças tentar "encontrar" os semas nucleares, obrigatórios, que cada conceito, cada unidade lexical "tinha que ter". Os resultados de uma análise nessa perspectiva levavam, em primeiro lugar, a propor como nucleares semas (traços) demasiadamente genéricos e nada pertinentes para a individualização semântica de uma unidade. Além disso, como era verdadeiramente impossível, por vezes, encontrar o que quer que fosse de comum, sobretudo em lexemas de grande abrangência, como, por exemplo, *passar*, *andar*, *deixar*, propunham-se séries numerosas de homónimos.

Substituindo a estruturação sémica pela perspectiva da categorização prototípica, a Semântica Cognitiva tornou muito mais real a interface entre os modelos resultantes da análise semântica e a percepção da realidade que o falante intui. Descrição semântica e cognição da realidade ficam, assim, sendo duas vertentes intrinsecamente ligadas do fenómeno linguístico.

Dentro desse âmbito, ferramentas como a de "modelo mental", que aqui utilizaremos, afiguram-se-nos de extrema utilidade na tentativa da análise e descrição semântica. Não será pertinente agora, com certeza, a apresentação de todo o instrumentário teórico produzido sobre noções como esta. No entanto, apenas referir que, para nós, modelo mental não se pode confundir, com *conceito* ou *categoria*. É,

antes, qualquer organização mental, cognitiva, estruturada que permite determinada referencialidade, ou que permite a conceptualização de uma parte da realidade. Estão neste caso os modelos mentais que constituem o núcleo deste trabalho: *frente/trás* são modelos complexos, que, por sua vez, englobam outros modelos mentais com os quais referenciamos determinada faceta da realidade.

A verbalização do vector da frontalidade

A necessidade de um elemento-referência

As configurações espaciais que as unidades linguísticas permitem envolvem, necessariamente, objectos referenciadores, ou seja, elementos que sirvam de referência às localizações. É inadmissível imaginar que se pode localizar algo sem ser relativamente a uma outra realidade.

A este propósito, varia muito a denominação atribuída às entidades que servem de marcos referenciadores nos processos de localização espacial. *Figure/Ground* (TALMY), traduzido por *Figura/Fundo* (por exemplo em BATORÉO, 1996); *figura/base* (CIFUENTES HONRUBIA, 1989); *objecto localizado/objecto localizante* (DÖPKE-SCHWARZE); *trajector/landmark* (HAWKINS; LANGACKER); *cible/site* (VANDELOISE); *thème/site* (FORTIS, 1996:173) ou ainda *located object/reference object* (HERSKOVITS). Em italiano aparece também *figura-sfondo* e *figura-base* (VIOLI, 1991).

Segundo Vandeloise (1986:34) a diferença entre *cible* (=objecto localizado) e *site* (=objecto localizador) pode ser feita através de características que cada um acumula. Um *cible/site* será tanto mais prototípico quantas mais características acumular:

CIBLE	SITE
- Sempre o sujeito da relação espacial	- Objecto da relação espacial
- Informação nova	- Informação antiga
- Pequeno	- Massiço (grande)
- Difícil de situar	- Fácil de distinguir
- Móvel (frequentemente)	- Imóvel
- Mutável	- Imutável

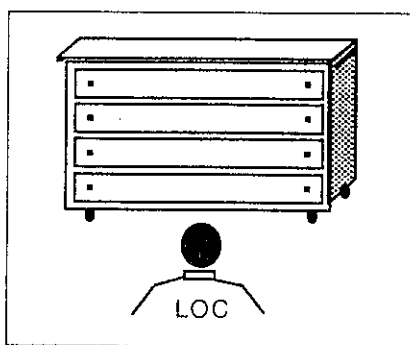
É fácil compreender que quer o *cible* (*alvo/Figura*), quer o *site* (*sítio/Fundo*) raramente reúnem todas essas características simultaneamente. O que Vandeloise quer dizer é que o *cible* ou o *site* deveriam idealmente preencher esses requisitos.

Ora, a ser assim, talvez a terminologia proposta por Vandeloise não seja a mais adequada, principalmente a que designa o sujeito

da relação espacial. Na verdade, se ele frequentemente é difícil de situar e móvel, não se vê como poderá ser chamado "alvo" (*cible*), já que um alvo, normalmente, possui as características contrárias: é bem visível, fácil de situar e imóvel. É evidente que um alvo pode ser móvel; não o é, no entanto, nem necessariamente, nem prototipicamente. Escolhe-se por alvo, a maior parte das vezes, uma coisa parada; se tal não for possível, se o alvo se movimenta, escolhe-se **para alvo** quando está parado (um animal a caçar, por exemplo); só se não for possível de todo, é que o alvo o é em movimento.

A denominação Figura-Fundo, de Talmy, que servirá para o "Fundo" espaço-temporal em que decorrem os processos verbais, não se revela muito exacta para as localizações puramente espaciais.

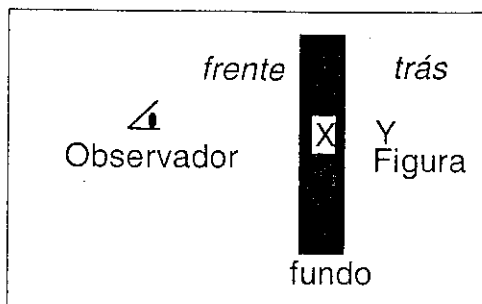
Desde logo porque o **Fundo** pode ser aquilo que está em primeiro plano, e a Figura, o que aparece mais ao fundo:



- 1) O móvel está em/à frente de mim (à minha frente).
- (Móvel → Figura: Eu=LOC → Fundo)

Figura 1

Por outro lado, há determinadas configurações em que o Fundo fica obrigatoriamente entre o observador e a Figura, como acontece no uso de *atrás* para o modelo da visibilidade (ou acessibilidade, como veremos aquando da respectiva apresentação):

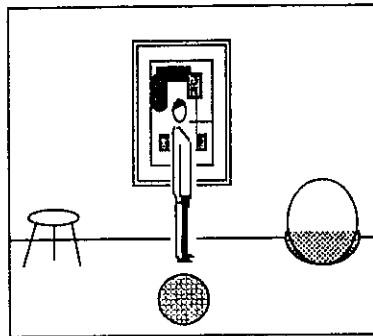


- 2) O rato está atrás do móvel.
- 3) O leão está atrás das grades.
- 4) A minha aldeia fica atrás daquela montanha.

Figura 2

Ora, não parece muito “lógico” que o “Fundo” apareça, para o observador, à frente da Figura. Por definição o Fundo deverá sempre ser o que aparece... “ao fundo”.

Por outro lado, numa situação em que se queiram localizar vários objectos relativamente a um, este transforma-se tendencialmente no centro localizador e no centro das localizações:



- 5) A cesta está à frente do homem.
- 6) O banco está atrás do homem.
- 7) A bola está ao lado direito do homem.
- 8) O quadro está ao lado esquerdo do homem.

Figura 3

Isso equivale a dizer que, numa situação como essa, o **centro** configurador é o **Fundo**(?!) de todas as localizações.

Ora, a noção de *Fundo* apela para uma certa projecção centrífuga que é absolutamente incompatível com a noção de *centro* configurador. É que o objecto que serve de referência nem sempre, nem sequer prototipicamente, fica, na óptica do observador, depois da Figura.

Além disso, a denominação Figura-Fundo insere-se nitidamente no plano da horizontalidade, já que o conceito de “Fundo” é um conceito primordialmente “horizontal”. Ora as configurações espaciais não se limitam a esse plano, já que a verticalidade é, tal como a frontalidade, um vector de primeira importância. Designar “Fundo” algo que pode ficar no primeiro plano e no eixo da verticalidade, parece-nos pouco adequado. Senão, repare-se:

- 9) Muita água passará por baixo das pontes. (água = Figura; pontes = Fundo (?))

A designação “base” em vez de “Fundo” para indicar o objecto que serve de referência (como em CIFUENTES HONRUBIA, 1989) já é mais aceitável, embora não seja a ideal, a nosso ver. É que nem sempre o objecto-referência coincide com a noção que temos de uma “base”. Se em

- 10) A jarra está em cima da mesa,

facilmente se aceita designar *mesa* como a base relativamente à qual se situa a Figura, já em

11) O tapete está por baixo da mesa, parecerá um pouco estranho considerar a mesa a “base” do tapete.

Todas estas razões nos levam a colocar certas reservas à designação terminológica “Fundo” para representar o objecto que serve de ponto de referência numa localização espacial. Não somos dos que pensam que mudando a terminologia se constrói uma teoria. A mudança terminológica é, por princípio, algo a evitar. Mas como, nesse âmbito, ainda não existe uma terminologia fixa e aceite por todos e a normalmente utilizada se nos afigura pouco adequada, pensamos que se nos perdoará o pecado de tentar encontrar uma menos inconveniente.

Para tal, propomos manter o termo “Figura” para representar o objecto que é localizado e para o termo que representa o objecto que serve de referência numa configuração espacial utilizar a designação “Configurante”. Essencialmente pelos seguintes motivos:

- 1) O termo “Fundo” pode tornar-se confuso e por vezes pouco adequado (pelas razões que atrás expusemos);
- 2) Como se trata de *configurações* espaciais, parece-nos pertinente um termo da mesma família.
- 3) O verbo *configurar* aponta exactamente para a ideia de “processo de representação” de algo;
- 4) Os próprios monemas que compõem a palavra indicam que se trata de um processo em que uma **figura** (*figurar*) co-ocorre com outros elementos (*con- +figurar*);
- 5) O sufixo *-ante* indica, nesse caso, “aquilo que serve para configurar”, à semelhança do que, por exemplo, acontece com *significante*, “aquilo que serve para significar”.

Parece-nos, pois, justificada a opção de, nas localizações ou configurações espaciais, manter para o objecto que se quer situar o termo “Figura” e usar para o objecto, que na configuração serve de marco de referência em relação ao qual a Figura é situada, o termo “Configurante”.¹

¹ Embora Cifuentes Honrubia (1996) mantenha a terminologia *figura/base*, utiliza também, por vezes, a designação de *objeto localizante* que faz equivaler a *base*: “Este objeto es el que hemos denominado *objeto localizante* o *base*” (CIFUENTES HONRUBIA, 1996:46).

Modelos mentais de *frente/trás*

Todos, ou quase todos, já estivemos em situações em que (ou)vimos referenciar uma mesma realidade como estando, para alguém, *atrás* e para outra pessoa como estando *à frente* relativamente a um outro qualquer objecto. Que a mesma situação pode ser configurada de diversas formas, mesmo até de formas opostas entre si, pode ser facilmente esquematizado. Assim, perante a situação apresentada na figura seguinte e tomando a perspectiva do locutor (LOC):

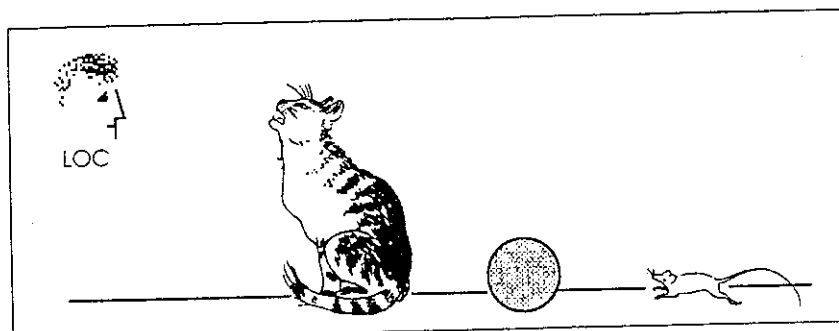


Figura 4

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| 12) O gato está à minha frente. | 18) A bola está à frente do rato. |
| 13) Eu estou à frente do gato. | 19) O rato está atrás da bola. |
| 14) O gato está à frente da bola. | 20) O gato está à frente do rato. |
| 15) A bola está atrás do gato. | 21) O rato está atrás do gato. |
| 16) A bola está à frente do gato. | 22) * O gato está atrás do rato. |
| 17) O rato está à frente da bola. | 23) O rato está à frente do gato. |

Uma situação como a ilustrada prova, mais uma vez, não apenas a impossibilidade de configurar univocamente o eixo da frontalidade, mas também a possibilidade de configurações opostas, como mostram as verbalizações apresentadas.

Uma simples situação como a que agora se apresenta (em que há um observador que vê um gato, uma bola e um rato nas posições relativas que a Figura 4 traduz) indicia já a complexidade de modelos que podem estar envolvidos nas configurações relativas à frontalidade.

E que modelos são esses que subjazem às configurações da frontalidade, presentes, concretamente, nas verbalizações expressas de 12) a 23)?

O modelo original

O primeiro, mais “primitivo” com certeza, é o mais prototípico e por todos admitido como estando na origem da configuração geral do eixo da frontalidade. Chamemos-lhe **Modelo original**. É o modelo que opõe *frente/trás* baseando-se na constituição corpórea do ser humano, do modo que a Figura 5 representa:

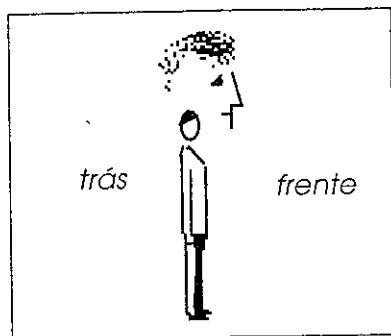


Figura 5

Esse modelo, através de um processo de projecção, pode aplicar-se a qualquer realidade, animada ou não, atribuindo uma antropomorfização que pode ser total (uma escultura, grande parte dos animais) ou parcial (uma cadeira, uma televisão).

É esse modelo que subjaz às frases 12) e 13).

A noção de *frente/trás*, em todas as línguas do mundo, terá que estar, necessariamente, relacionada com a realidade física constitutiva do ser humano. Não é de estranhar, no entanto, que haja uma grande coincidência, mesmo entre línguas de famílias muito diferentes, na escolha das partes corpóreas que servem de marcos referenciadores para a constituição do eixo em questão (*frente/trás*) (SVOROU, 1994:249-251). Sendo verdade que quase todas as línguas fazem da cara/peito o elemento referenciador de *frente*, que elementos dessa região corpórea são cognitivamente marcantes para a constituição da noção de *frente*?

A questão afigura ser de solução tão óbvia que, à primeira vista, parece pouco ou nada pertinente.

A resposta mais frequente que se encontra e que pretende dar conta dessa “evidência” é a que indica o olhar como configurador da “frente”:

devant: indique une position, à partir d'une référence où serait supposé se trouver le regard du sujet parlant, *orientée vers l'avant* dans le prolongement de ce regard [...].

derrière: indique une position à partir d'une référence où serait supposé se trouver le regard du sujet parlant, mais *orientée dans le sens opposé à l'axe du regard* (CHARAUDEAU, 1992: 430-431).

Definições como essa, que apenas têm em conta um dos elementos intervenientes em qualquer processo cognitivo, podem levar a concluir que os referidos processos e as conceptualizações linguísticas que os codificam são realidades unívocas, simples e universais. Ora não é bem assim.

As definições como as de Charaudeau parecem esquecer-se de um pormenor que pode ser tido como caricato mas não é: a direcção do olhar e de todos os órgãos faciais pode mudar constantemente sem isso acarretar a modificação do eixo *frente/trás*. Se assim não fosse, seriam incompreensíveis sintagmas como “olhar para o lado” ou “olhar para trás”!

Como a direcção do olhar é variável, outros elementos terão que intervir: outros órgãos de sentido e as posições habituais de repouso ou movimento.

Assim, segundo Honrubia, que faz referência a Fillmore,

Para un animal el «frente» es la parte o cara que tiene el mayor número de órganos de percepción, y que llega primero cuando se pone en marcha según su movimiento característico (HONRUBIA, 1989:60).

Aqui já se conjugam “órgãos” e “posição de marcha”. No entanto, pensamos que não é assim tão líquido a “frente” corresponder à maior quantidade de órgãos. A “qualidade” desses órgãos de percepção é um factor a ter em conta. Também aqui, uns valem mais do que outros. Pensamos que não é apenas o número de órgãos de percepção que conta, mas sobretudo a importância cognitiva que atribuímos a uns e não a outros. A visão, por exemplo, não pode ser considerada como um órgão igual a outros órgãos. Se um animal tivesse as orelhas voltadas para as costas (como muitos têm) e um buraco na nuca pelo qual cheirasse, desde que tivesse os olhos e a boca na posição habitual, ninguém teria dúvidas em assinalar a sua “frente”. E neste caso teria um sentido (dois?) voltado para a frente (a boca representa órgãos de sentido?) e dois órgãos sensoriais para “trás”.

É que, com efeito, a boca também é fundamental para se determinar a “frente”. Todos os animais aprendem a reconhecer a localização da boca dos seus predadores ou inimigos como uma forma de defesa e de sobrevivência. A posição desta é bastante relevante para se “encarar” o outro. Nos seres humanos há ainda um factor suplementar para a valorização orientadora da boca: a linguagem. Os sons são concebidos como “saindo” da boca e tomando a mesma direcção do olhar. Não deixa de ser curiosa esta concepção, já que demonstra como os esquemas mentais com que nós percebemos

namos a realidade são importantes, a tal ponto que nos fazem ver a "realidade" que nós construímos e não a que realmente existe. É que na verdade, fisicamente, não há qualquer semelhança entre a projecção do olhar e a dos sons pelos seres humanos. O olhar direcciona-se em faixa para a frente (e, portanto, **realmente** pode servir de marco direccional), mas o som das palavras propaga-se simultaneamente em todas as direcções.

Para verificarmos o grau de importância ou o peso relativo que assumem os vários elementos constitutivos do modelo original da frontalidade, fizemos o seguinte teste:² pedimos, em três turmas de Introdução aos Estudos Linguísticos, que cada aluno imaginasse que encontrava um extra-terrestre que aparecia "retratado" em cada desenho. Cada figura representava um ser mais ou menos semelhante ao protótipo humano onde havia a considerar as relações entre os elementos antropomórficos, considerados fundamentais para a atribuição da *frente* ao ser humano.

A relação entre cada uma destas partes divergia de figura para figura. O aluno deveria apenas assinalar com uma letra (A ou B) qual a parte que lhe parecia ser a *frente* desse ser alienígena. Para evitar comparações, as figuras foram projectadas separadamente, uma a uma, sendo igualmente pedida uma resposta rápida, em três ou quatro segundos, findos os quais a figura era retirada do retroprojector. Como é evidente, pediu-se que não comparassem as respostas com as dos colegas.

Foi igualmente explicado, antes, que as figuras estavam nas suas posições habituais. Não havia figuras a olhar "para o lado" ou "para trás".

Os resultados devem ser lidos da seguinte forma: por exemplo, se para a figura que representa o habitante de Mercúrio aparece como resultado **A** 39% e **B** 61% isso significa que 39% dos inquiridos consideraram que a *frente* da figura era a parte assinalada com a letra **A**, e 61% consideraram que a *frente* da mesma figura era a parte assinalada com a letra **B**.

² Inquérito feito, em 1997, a alunos da disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos e que possuísem apenas o Português como língua-mãe.

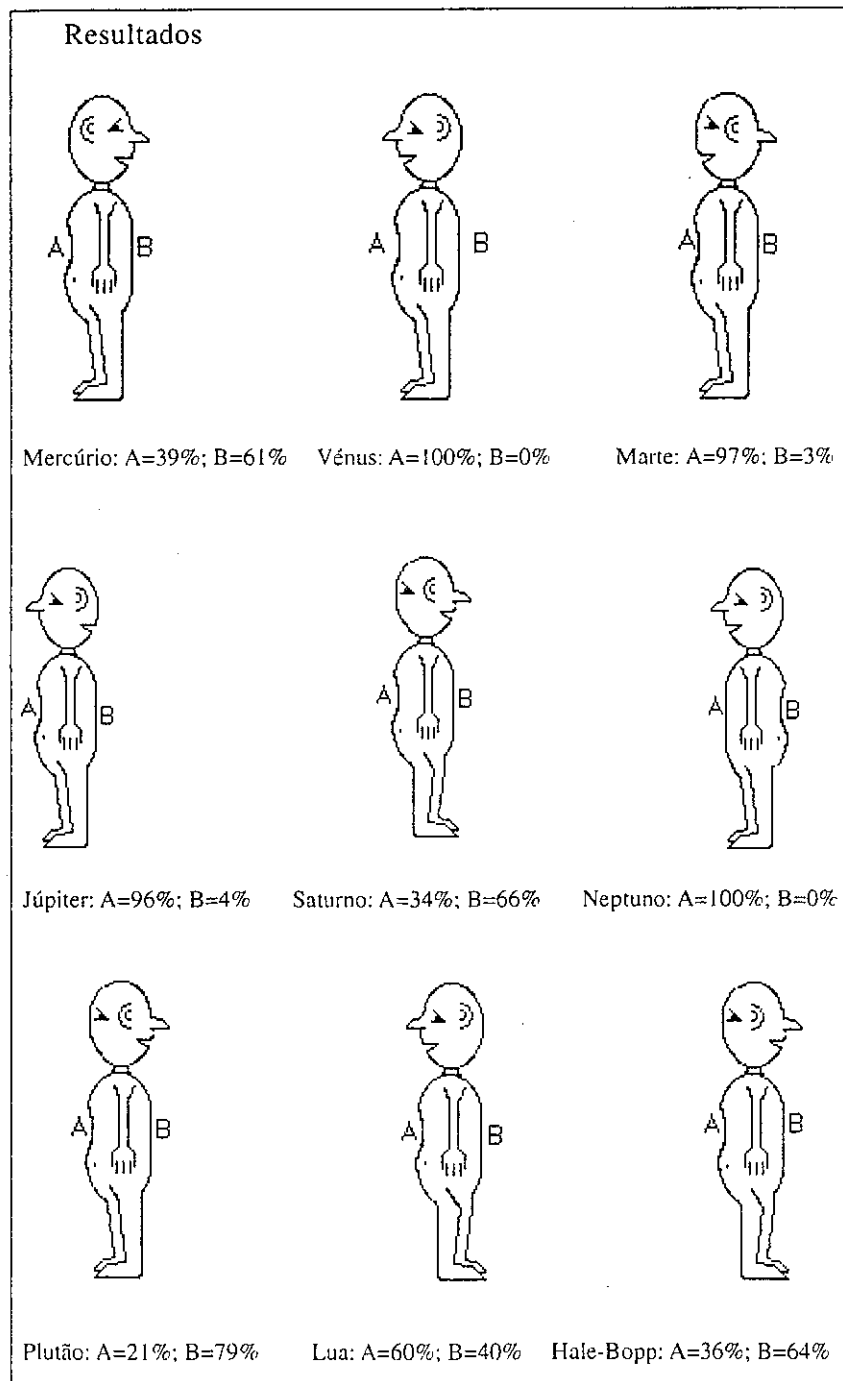


Figura 6

Algumas conclusões, a partir dessas respostas, se impõem:

1) Fica evidente que a noção de *frente* não é unívoca entre os falantes;

2) A noção de *frente* é tanto mais coincidente entre os falantes quanto maior for a semelhança entre o objecto (ser animado ou inanimado) e o protótipo humano;

3) Ao contrário do que diria uma teoria das CNS não há nada que constitua um núcleo sémico composto de traços necessários para se estabelecer *a frente de X*. Assim, considerados individualmente um a um, não há nenhum elemento imprescindível na atribuição, mesmo maioritária, da *frente*. Uma parte pode ser a da *frente*

- sem ter os olhos (em Saturno, para 66% dos inquiridos)
- sem ter as orelhas (em Júpiter, para 96% dos inquiridos)
- sem ter a boca (em Júpiter, para 96% dos inquiridos)
- sem ter os pés em orientação canónica (em Mercúrio, para 61% dos inquiridos)
- sendo a relação barriga/costas a inversa da canónica (em Neptuno, para 100% dos inquiridos).

O facto de a construção da noção de *frente* não ter que ter obrigatoriamente qualquer desses elementos, podendo faltar sempre qualquer um deles (mas não todos simultaneamente, como é óbvio) não implica que eles possuam todos o mesmo peso orientador. Pelos resultados obtidos conclui-se que na configuração da *frente* as diversas partes intervenientes não possuem todas a mesma importância. Vamos examinar alguns resultados para provarmos esse ponto de vista.

Assim, parece que as orelhas não são tidas em conta, já que havendo duas figuras exactamente iguais em tudo excepto nas orelhas (Saturno e Hale-Bopp) os falantes não só pouco divergiram na escolha da *frente*, como até, curiosamente, a figura que tinha as orelhas “direitas” teve menos dois pontos percentuais.

A relação peito/costas não parece ser também de primordial importância no estabelecimento dos pólos da frontalidade. Em Neptuno, as costas foram inseridas na *frente* pela totalidade dos inquiridos. Também pelas outras figuras se verifica que para os falantes aquilo que a língua faz (identificar *atrás* e *costas*) não implica que sejam estas últimas a determinarem o que é o *à frente* e o *atrás*.

A posição do nariz já parece deter maior importância. Nos imaginários habitantes de Marte apenas a orientação do nariz e das orelhas (confundidas com olhos?) levou alguns falantes (3%) a atribuírem a *frente* a essa parte.

Em Plutão, a junção da boca ao nariz e às orelhas foi suficiente para 21% de inquiridos considerarem que isso bastava para demarcar a *frente* da respectiva figura. Isto, além de corroborar o que se dizia sobre a relativa importância do nariz, aponta já também para um certo peso que a boca possui como órgão configurador da *frente*. Veja-se que em Júpiter, estando apenas a boca em oposição a todos os outros órgãos faciais e ainda em oposição aos pés, mesmo assim, para 4% dos inquiridos **apenas** a boca era suficiente para atribuir a essa parte a noção de *frente*.

Mas, indubitavelmente, os elementos mais importantes para a delimitação da *frente* do ser humano são os olhos e... os pés.

É perfeitamente compreensível a importância atribuída à visão. Quando olhamos para alguém, para a respectiva *frente*, olhamos para os olhos. Esse procedimento está inscrito no mais fundamental do nosso código genético, não sendo, portanto, culturalmente aprendido. Os próprios animais partilham connosco este comportamento instintivo que faz dos olhos o ponto central através do qual se encara o outro. E isto é tão importante, inclusive para a sobrevivência das espécies, que determinados animais desenvolveram “olhos” falsos (manchas que imitam olhos) no dorso para assim confundirem e enganarem os predadores e não serem atacados mesmo quando estão de costas.

Para testarmos a maior ou menor importância que os olhos possuem para a atribuição da *frente* a um ser vivo, juntamente com o inquirido dos “extra-terrestres” entregámos um outro em que se opunham dois elementos fulcrais da frontalidade: os olhos e a boca.

Para que fosse possível contrapor apenas aqueles dois elementos e não houvesse interferência de qualquer outro, “criou-se” uma cobra com a boca numa ponta e os olhos noutra (Figura 7). Foi

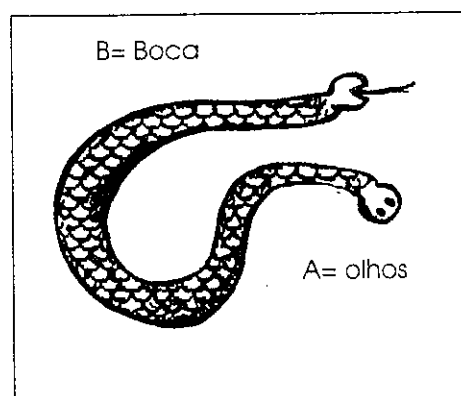


Figura 7

pedido aos inquiridos que identificassem qual seria a verdadeira *frente* da cobra apresentada. Para 86% a frente seria A. Sendo assim, não há qualquer dúvida de que os olhos são maioritariamente determinantes da noção prospectiva da frontalidade. Apenas para uma pequena parte dos falantes inquiridos (14%) a boca foi considerada mais determinante para se estabelecer a *frente* da cobra.

Mesmo assim, haverá algum motivo que cognitivamente justifique o facto de a boca ter sido considerada prioritária aqui e em algumas das outras situações nos inquéritos acima vistos? Evidentemente que sim. É que a boca é de decisiva importância não apenas para a sobrevivência do indivíduo como igualmente para os seus mecanismos de defesa: identificar a boca do atacante é o primeiro passo para dela nos defendermos.

O que pode ter causado estranheza é o facto de os inquéritos mostrarem que para a atribuição da *frente* às criaturas vistas foram de extraordinária importância... os pés. Evidentemente que, ao contrário das situações anteriores, o determinante não é o sítio onde **estão** os pés, mas a **direcção** para onde estes estão voltados. Inconscientemente, os inquiridos associaram as duas realidades: a direcção dos pés implica a direcção do movimento. Nada havia a dizer que era assim: veja-se, por exemplo, a figura do "habitante" da Lua que é idêntico ao ser humano em tudo excepto na direcção para onde os pés estão voltados. Poderia acontecer que ele andasse na direcção dos olhos, nariz, boca e peito e não na direcção oposta para onde apontam os pés. Nada foi dito aos inquiridos sobre isso. No entanto, penso ser legítimo concluir-se que todos associaram inquestionavelmente estas duas realidades (direcção dos pés e do movimento) e daí os resultados obtidos.

Veja-se que a direcção para onde estão voltados os pés foi quase sempre a maioritariamente escolhida para *frente*. Apenas em dois casos isso não aconteceu: em Mercúrio, onde a direcção dos pés e o peito se contrapunham a todos os outros órgãos faciais, e na Lua, onde a direcção dos pés se contrapunha a todos os outros elementos (órgãos faciais e peito). Mesmo assim, nesses dois casos, 40% dos falantes inquiridos acharam que a direcção dos pés era suficiente para justificar a faceta *frente*. E em Saturno, os pés, juntamente com as orelhas, o nariz e a boca, "ganharam" à outra parte, constituída pelos olhos e peito, por 66% contra 34%.

Isso prova a fundamental importância que a noção de movimento tem para estabelecer a oposição *frente/atrás*, ainda que seja apenas feita, tal prova, através de indícios indirectos: a direcção dos pés.

Em suma: o primeiro modelo da frontalidade é prototipicamente dado pela orientação habitual da figura humana: a *frente* é atribuída para onde, em posição canónica, estão voltados os pés, os olhos, a boca, o nariz e o peito.

O modelo da orientação situacional em espelho

Um outro modelo, a que se pode chamar **modelo de orientação situacional em espelho** (ou em simetria), decorre do primeiro: quando um objecto sem orientação intrínseca adquire uma orientação situacional por um processo de espelhamento de um objecto intrinsecamente orientado.

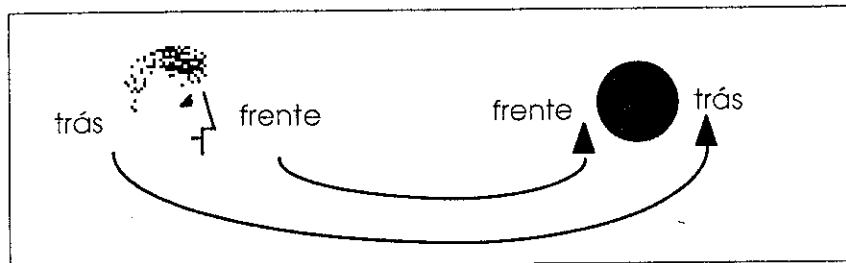
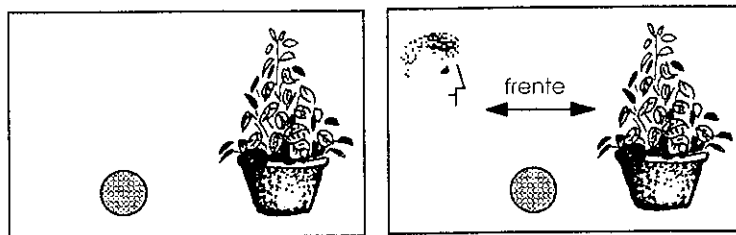


Figura 8

É este modelo que justifica a frase (17).

A simplicidade desse modelo resolve os problemas de configuração de objectos que, pela sua indiferenciação física, não possuem qualquer hipótese de lhes ser atribuída uma *frente* e uma parte de *trás*. Uma bola, um penedo, uma árvore passam, assim, a poder serem Configurantes porque adquirem situacionalmente uma determinada orientação:



Figuras 9 e 10

24) *A bola está à frente do vaso. 25) A bola está à frente do vaso.

Para além dessa orientação situacional, esse modelo é responsável pela atribuição de orientações intrínsecas a objectos que figurativamente não são antropomorfizados: a *frente* de uma cómoda, de uma secretária, de um electrodoméstico é geralmente atribuída a partir da relação de enfrentamento que usualmente mantêm com o ser humano.

O modelo da visibilidade

A oposição *frente/trás*, para além da pura configuração locativa, espacial, acarreta determinadas vertentes que, em princípio secundárias, podem adquirir importância fulcral em certas variantes de modelos mentais da frontalidade. Estão, nesse caso, as vertentes [visibilidade] e [acessibilidade] que o eixo em questão normalmente exige. Porque *frente* implica, prototipicamente, [visibilidade] e [acessibilidade] é que varia a aceitabilidade nas seguintes situações:

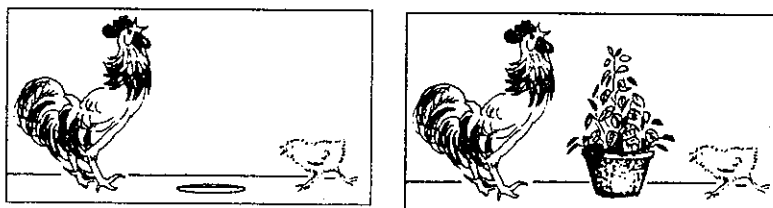


Figura 11 e 12

26) O pintainho está à frente do galo. 27) ?O pintainho está à frente do galo.

Imagine-se que em vez do vaso estava uma parede (ou uma cortina) que impedia a visibilidade e separava as duas aves. Não se podia definitivamente dizer que uma estava à *frente* da outra.

Será necessário, portanto, admitir um modelo estruturante do eixo *frente/trás* a que se pode chamar **modelo da visibilidade** por se basear na presença ou ausência do traço [visibilidade]/[acessibilidade]. Em esquema:

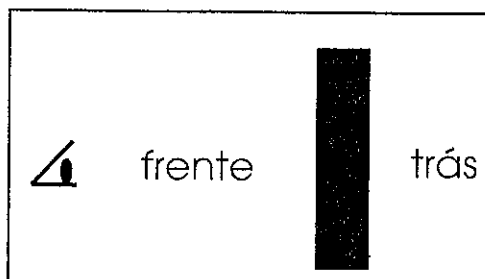


Figura 13

É esse modelo o que suporta, por exemplo, a frase 19). Em determinadas circunstâncias, pode mesmo ser o modelo que se impõe, chegando até a ocupar outras áreas da localização que não a frontalidade. É o que acontece quando, por exemplo, ele anula qualquer orientação intrínseca que o objecto configurante possua impondo a sua própria estruturação espacial do eixo da frontalidade.

Para se confirmar a força desse modelo, prestemos um pouco de atenção aos resultados do seguinte inquérito:

Complete a frase que descreve a figura:

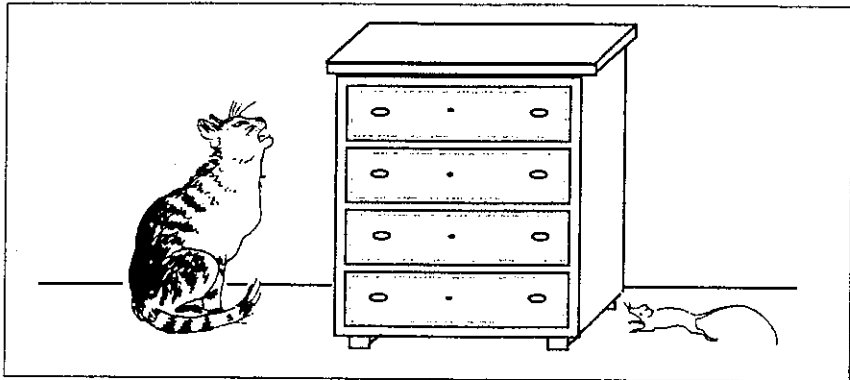


Figura 14

O rato escondeu-se do gato _____ do móvel.

As respostas foram, em números absolutos, 54 para *atrás* e 80 para *ao lado*.

Isso prova que a [(não)-visibilidade] pode ser suficiente para anular o eixo habitual da frontalidade (neste caso, para 40% dos inquiridos). Na verdade, o móvel é um objecto intrinsecamente orientado, tendo um *à frente* e um *atrás*: aquele coincide com a parte que faz habitualmente interface com os utilizadores humanos, por onde se puxam as gavetas, e o *atrás* é a parte oposta, geralmente inacessível e que fica contra a parede. Isso implica, naturalmente, que se tem o eixo *frente/trás* também tem necessariamente o eixo da lateralidade *esquerda/direita*.

Assim, nessa perspectiva intrínseca, o gato está à direita do móvel e o rato à esquerda. Se abandonarmos a perspectiva intrínseca do móvel e adoptarmos uma que tenha o observador/leitor como referência configurante, o gato está à esquerda, e o rato, à direita.

No entanto, quase metade dos falantes inquiridos anulou quer a perspectiva relativa à *frente* do móvel, quer a habitualmente chamada *deíctica* que toma o observador como Configurante. Uma grande parte dos mesmos falantes (40%) optou por trocar os vectores habituais da frontalidade/lateralidade.

Temos, assim, dois eixos diferentes da frontalidade num mesmo objecto: um que é o que habitualmente possui e que constitui a sua orientação intrínseca; e outro que é imposto por um modelo que anula o eixo anterior:

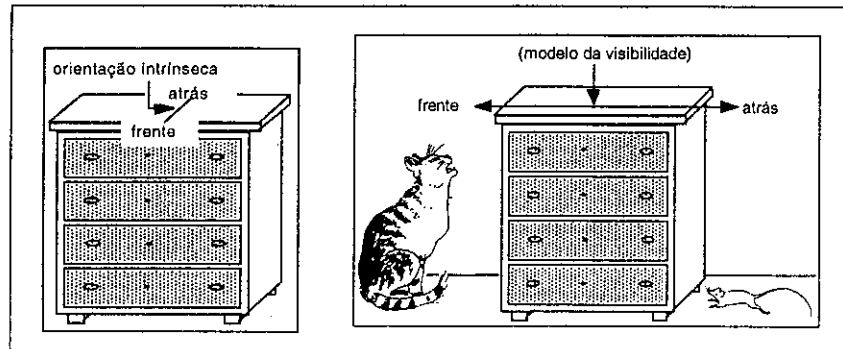


Figura 15 e 16

Esses resultados mostram como realmente é importante o conceito de “ocultação” (ou “inacessibilidade”), dentro da antinomia visibilidade/não-visibilidade, para o estabelecimento da oposição à *frente/atrás*. Tal conceito é tão vincutivo que, como se vê, pode impor a vertente *atrás* que consigo acarreta e anular outras orientações espaciais ainda que intrínsecas.

Nesse mesmo inquérito houve uma resposta bem curiosa e que à primeira vista poderia ser considerada “não-aceitável”: “atrás do lado direito”, era lá que estava o rato. Ou seja: no modelo mental construído para retratar a situação, não havia incompatibilidade entre *atrás* e *lado direito*. Por outras palavras, o *lado direito* pode ser também e simultaneamente o *atrás*. Não podia haver melhor indício, digamos mesmo, prova, do que há pouco ficou dito: a [não-visibilidade]/[não-acessibilidade] força a imposição do vector *atrás* no eixo da frontalidade, chegando mesmo a sobrepor-se a um outro eixo da espacialidade (a lateralidade).

A relação que este modelo tem com o modelo original é evidente: é uma relação de funcionalidade. No modelo original, a parte de *trás* também implica [não-visibilidade]/[não-acessibilidade] e a da *frente* o inverso.

Esse modelo articula-se bem com o modelo de orientação situacional em espelho ou simetria, já que, como acontece em outras configurações espaciais, (ver, por exemplo, *aqui/aí/ali-lá/cá*³) coaduna [visibilidade] com [acessibilidade]. Expliquemo-nos melhor.

³ Ver Teixeira (2001:135-142).

Quando o objecto X se encontra a impedir a visão do objecto Y, dizemos que *Y está atrás/detrás/por trás de X*:

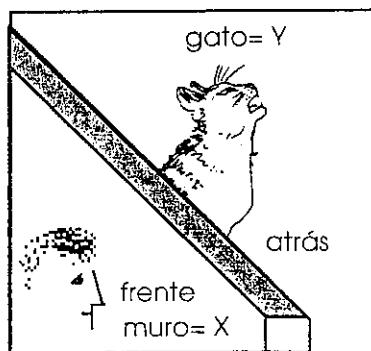


Figura 17

Mas imaginemos que, por exemplo, o muro era de vidro transparente. A configuração não se alterava, continuando o gato a estar *atrás do muro*.

A razão para isso acontecer assim é simples: em primeiro lugar, [não-visibilidade] fora substituída por [não-acessibilidade] directa, que funciona como traço quase equivalente para a manutenção do modelo. E, por outro lado, a situação também pode ser suportada pela complementaridade que esse modelo mantém com o já referido modelo de orientação situacional em simetria: A face da parede voltada para o observador é a *frente*, e a outra, a parte de *trás*. Quer-se dizer que de qualquer forma, {Y} continua sempre *atrás* de {X}.

A compatibilidade e complementaridade que esse modelo da visibilidade mantém com o modelo de orientação situacional em espelho ou simetria pode levar-nos a confundi-los ou a pretender que os dois se resumem num só. Pode, à primeira vista, parecer que esse modelo é o mesmo que o modelo anterior, só que com um observador ou focalizador. Ou seja, quando digo, por exemplo,

28) A bola está atrás do vidro.

o vidro passaria a ser um objecto orientado, conseqüentemente com *frente e atrás*. Caso isso acontecesse, nada distinguiria este modelo do anterior.

Ora, isto não pode ser assim perspectivado, na medida em que os dois modelos assentam em componentes diferentes. O que estrutura o modelo de orientação situacional em simetria é a atribuição em espelho de uma orientação intrínseca, passando-se tudo entre os dois elementos básicos de uma configuração espacial: a Figura e o Configurante. Neste outro modelo, o da visibilidade, também se pode falar, de certo modo, de uma orientação intrínseca que o elemento

não orientado pode ganhar. Só que essa orientação não funciona em simetria espelhada. É sempre atribuída a faceta *trás*, qualquer que seja a faceta dos objectos orientados em espelhamento:

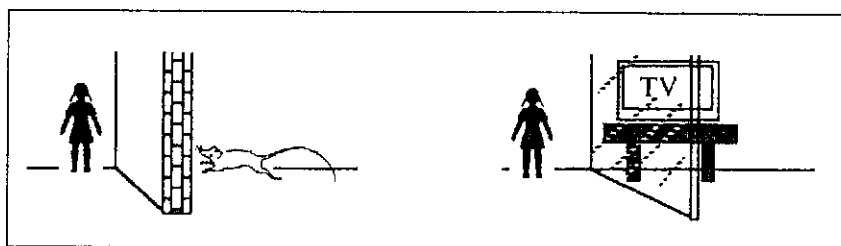


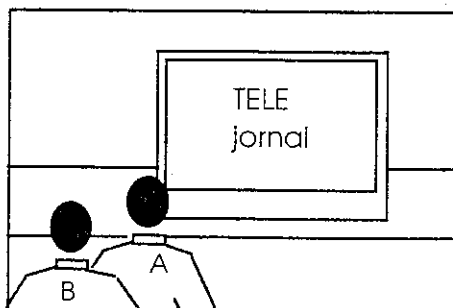
Figura 18 e 19

29) O rato escondeu-se atrás da parede. 30) A televisão está por trás do vidro.

Repare-se que as facetas dos objectos orientados (aqui *menina/rato* e *menina/televisão*) que estão em espelho com os configurantes (parede e vidro) são, respectivamente, *lado/frente* e *lado/lado* (*esquerdo*). No entanto, a faceta dos Configurantes com que as Figuras (rato, televisão) espelham é sempre a parte de *trás* (*atrás, por trás*).

Na verdade, nesse modelo da visibilidade, não há a atribuição de uma orientação situacional. Mais: caso o objecto-Configurante possua uma orientação intrínseca, ela é ignorada, sendo a *frente* a parte oposta à parte que oculta a Figura. O teste do gato-móvel-rato (Figura 14) prova-o bem. O rato só pode estar *atrás* do móvel se se conceber a *frente* do móvel como o lado oposto àquele em que o mesmo rato está, esquecendo-se a *frente* intrínseca que o próprio móvel tem.

A modelização mental que este modelo traduz é para a nossa análise particularmente interessante, já que evidencia como realmente dentro da frontalidade há modelos cognitivamente assentes e estruturados em perspectivas diferenciadas. Repare-se que é este modelo que permite verbalizar a seguinte situação:



31) A - Estou à (na) tua frente?
B - Não. Não estás à (na) minha frente.

Figura 20

Pelo modelo original, {A} está inquestionavelmente *na frente/à frente* de {B}. Pelo modelo do movimento (ver a seguir, 2.2.5.) é igualmente inquestionável que {A} está *na frente/à frente* de {B}. No entanto, e sem haver qualquer absurdo linguístico, na perspectiva deste modelo, {B} pode perfeitamente dizer que {A} não está à sua frente!

Mas a maior diferença deste modelo relativamente a todos os outros que aqui propomos, é que este exige não apenas dois elementos para a configuração, mas três: à Figura e ao Configurante tem que se juntar o elemento em relação ao qual todo o modelo se perspectiva. A esse elemento, interveniente na situação e que não é a Figura podendo também não coincidir com Configurante, dotado da faculdade da visualização (ou poder de acesso) vamos chamá-lo o **focalizador**.⁴ O esquema complementa, assim, o atrás (Figura 13) apresentado:

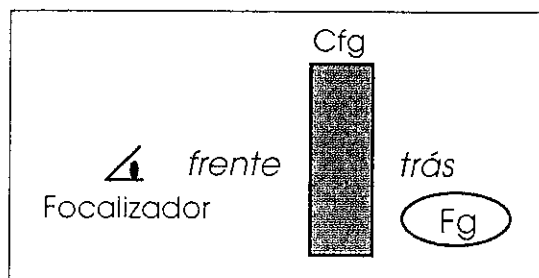


Figura 21

O facto de existir um focalizador não significa que o modelo só funciona quando este elemento exerce a sua prerrogativa visual, ou seja, quando o focalizador “observa”. Ao inverso, prototipicamente, neste modelo, o focalizador não exerce a faculdade da visualização que possui (o rato (Fg) está *atrás* do móvel (Cf) porque se supõe que o gato (focalizador) o não está a ver).

Prova que este modelo é sobretudo um submodelo derivado que assenta na vertente [(não-) visibilidade] é o facto de ele não cobrir da mesma forma os dois vectores da frontalidade. Ou seja, ele “especializa-se” apenas no vector da retrospectividade (*a-/por/de- +trás*), não servindo com a mesma aceitabilidade o vector oposto ou complementar:

⁴ Optámos por este termo na medida em que traduz o elemento responsável pela visualização imprescindível à estruturação do modelo. Este elemento é, igualmente, o centro de convergência (por isso também *foco*) de toda a cena, na medida em que quer a Figura quer o Configurante se organizam e são configurados em função dele.

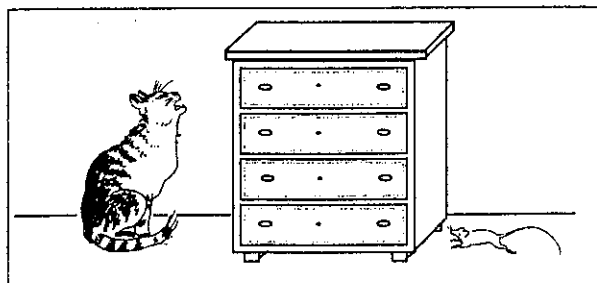


Figura 22

- 32) O rato está (escondido) atrás do móvel.
 33) ?O gato está à frente do móvel.

Como também já referimos, para este modelo a (não-)visibilidade pode ser substituída pela equivalente (não-)acessibilidade directa. Consequentemente, o focalizador também pode, em casos não prototípicos, não possuir a faculdade da visualização, detendo, em contrapartida, a do poder da acessibilidade. Podemos sempre imaginar um rato esperto que se esconde *atrás* de qualquer coisa para escapar a um gato cego, mas com faro.

De qualquer forma, quer a Figura, quer o focalizador podem deter os traços [\pm animado] e [\pm orientação intrínseca], sendo este último prototipicamente [+animado] e intrinsecamente orientado. Pode acontecer, no entanto, ser [-animado] e intrinsecamente não orientado. Nesse caso, é [+acessibilidade] que substitui [+visibilidade] e a direccionalidade do olhar é substituída pela direccionalidade de um movimento. Isto implica que, nesses casos, o elemento substituto do focalizador é sempre dotado de movimento (real ou intencional), o que lhe confere uma determinada orientação:

- 34) Pusemo-nos atrás de uma duna para escapar ao vento norte.
 35) O míssil não atingiu o avião porque este se escondeu atrás da montanha.
 36) Para nos protegermos das ondas, nadámos atrás das rochas.

Embora nesse modelo o movimento possa desempenhar, substitutivamente, o papel do focalizador, não pode, no entanto, globalmente o mesmo modelo ser entendido como um modelo dinâmico. Na verdade, os elementos intervenientes na configuração, Figuras e Configurantes, são perspectivados estaticamente, sem movimento obrigatório. O movimento existente é apenas substituto da direccionalidade da visualização do focalizador, não tendo de estar presente nas relações espaciais entre a Figura e o Configurante.

Aliás, a prova disso é que esse modelo continua a traduzir relações espaciais Figura-Configurante e não relações temporais como acontece quando se introduz o movimento.

O modelo do encaramento

Um outro modelo a propor pode ser apelidado de **modelo do encaramento**. Exige prototipicamente dois “objectos” humanos em situação de face a face, sendo um desses objectos geralmente constituído por vários elementos. Exemplo típico: orador/ouvintes.

Em esquema:

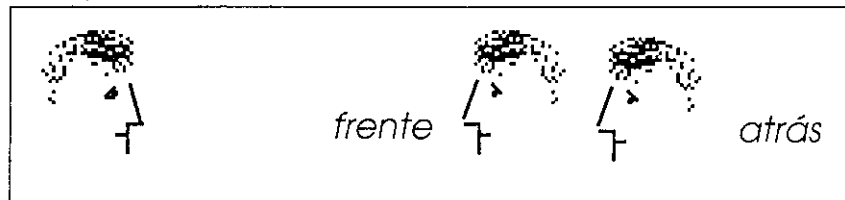


Figura 23

Nesse modelo, *atrás* não se opõe visualmente a *à frente*. Quem está *atrás* pode estar também bem visível, pelo menos para o figurante relativamente ao qual se estrutura a configuração. Por isso, é que para a mesma situação, são possíveis frases aparentemente antitéticas:

- 37) O professor viu que lá atrás (=nas filas de trás) um par de namorados se beijava.
- 38) O professor viu que na sala de aula, mesmo à sua frente (=diante dos seus olhos, sem ser às escondidas), um par de namorados se beijava.

É indubitável que, de certa forma, esse modelo contradiz o modelo prototípico. Na realidade, no modelo original *frente* e *atrás* inscrevem-se em sentidos direccionais opostos, enquanto neste os dois elementos do par opositivo parecem inscrever-se no mesmo sentido.

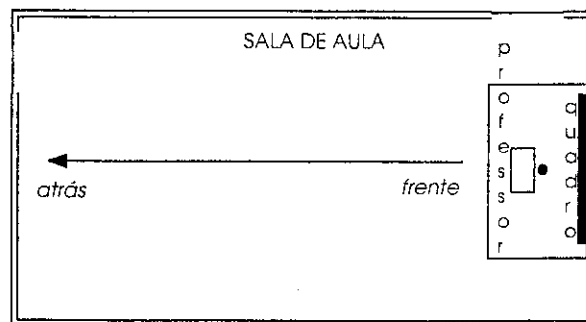


Figura 24

Os possíveis paradoxos desse modelo resultam do facto de ele se estruturar não apenas a partir de um único objecto intrinsecamente orientado, mas possuir obrigatoriamente, para além da Figura, dois “pré”-Configurantes que originam uma zona de configuração ou actuação (que passará a funcionar como Configurante).

Explique-se, então, qual é a realidade que faz de Configurante nesse modelo. No caso concreto de uma sala de aula (um dos exemplos mais prototípicos) o que é que determina a relação *frente/(a)trás*?

A primeira resposta que surge é a de que esta relação é tão somente a habitual: à *frente* designa o “encaramento” com o professor, ou seja, quem está face-a-face com ele (primeira fila); um aluno, uma fila de alunos, estará *atrás* porque fica nas costas dos outros que, obviamente, estão à *frente*.

Ora, as coisas não são assim tão simples. O processo é substancialmente diferente. Repare-se na seguinte “planta” de uma hipotética sala de aula:

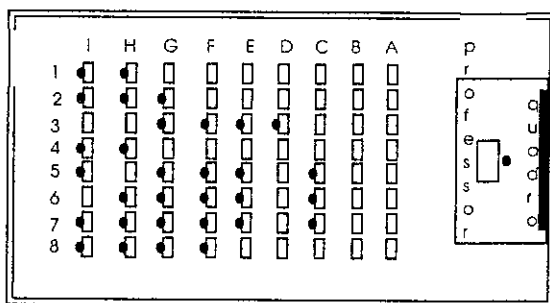


Figura 25

Se a configuração *frente/atrás* fosse estruturada, também aqui, somente pelo modelo original (a *frente* do professor), estaria à *frente* um aluno que não tivesse ninguém à *sua frente*. Ora, isso, não se passa assim: Há dois alunos da fila H (H1 e H4) que não têm ninguém nas respectivas frentes e não podem ser localizados, na sala, à *frente*. Por isso não é aceitável:

39) *Na fila H há alunos que estão à frente e outros que estão atrás.

É por isso que todos os alunos das filas H e I seriam sempre localizados *atrás* ainda que nas filas A, B, C, D, E, F, G não houvesse ninguém.

Dentro do mesmo âmbito, a fila da *frente* não é a primeira que tem alunos. Daí que não seja aceitável:

40) *A fila C é a fila da frente,

já que a “fila da frente” é sempre a que está mais próxima da zona que serve de local Configurante, quer tenha pessoas ou não. Por isso mesmo, é que é aceitável:

41) A fila A é a fila da frente, mas está vazia.]

Como se comprova, não são, por conseguinte, as pessoas presentes (nesse caso os alunos) que servem de referência para se atribuir as duas vertentes da frontalidade, *frente/atrás*, à sala. Será, então, a pessoa que preside, tida por “centro aglutinador” que projecta a sua frontalidade na sala? É que, repare-se num pormenor, a fila da *frente* coincide sempre com a *frente* do professor.

Não é preciso, no entanto, uma análise muito profunda para verificar que não é a figura humana – aqui o professor – que projecta a totalidade da sua orientação intrínseca sobre a sala. Para tanto basta considerar a aceitabilidade de:

42) O quadro está na parede da *frente*, *atrás* do professor.

Vê-se imediatamente que o *atrás* do professor não coincide com o *atrás* da sala, mas antes com o oposto. Por outro lado, o eixo *frente* do professor não abarca apenas as primeiras filas, mas a totalidade: em posição canónica, todas as filas e todos os alunos estão à *frente* do professor, mesmo as filas mais *atrás*.

Forçosamente ter-se-á que concluir que, para além da frontalidade do possível Configurante humano “professor”, existe uma outra frontalidade intrínseca à própria sala e que tem como ponto estruturador, se assim quisermos dizer, não um figurante, mas uma **zona de actuação** que determina a *frente*:

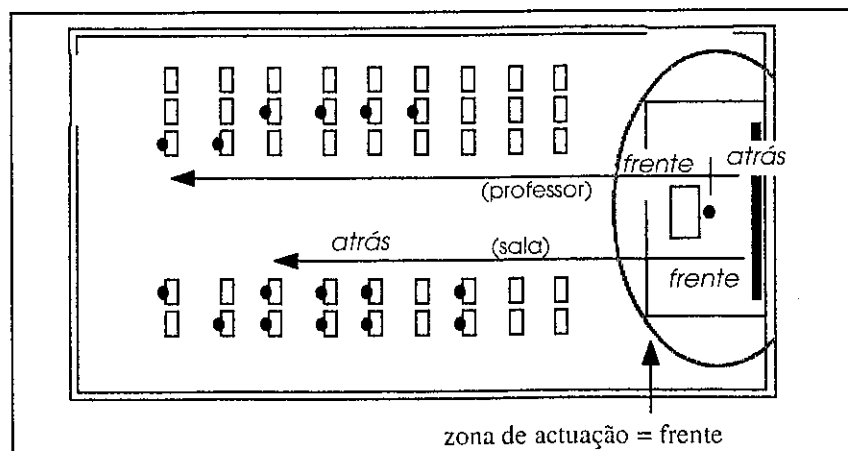


Figura 26

Assim, esse modelo implica sempre que haja, presencial ou virtualmente dois elementos prototipicamente humanos: um que se situa na zona de actuação e outros que se situam **diante** dessa zona. E a palavra *diante* é a chave deste modelo, já que ele implica que a posição canónica é obrigatoriamente uma posição de face-a-face entre o elemento pertencente à zona de actuação e os outros elementos ordenados numa relação *frente/trás* relativamente a essa mesma zona de actuação. Daí a representação proposta (Figura 23, antes apresentada) para o esquema que traduz este modelo:



Figura 27

É esse mesmo modelo que enforma as relações configurativas à *frente/atrás* de todos os ajuntamentos humanos (ou animais) em que há uma ordenação relativamente a uma zona de actuação, como o esquema procura representar. Tanto pode ser uma aula, uma multidão reunida à frente ou à volta de um orador ou simplesmente uma bicha de pessoas à espera de comprar pão fresco.⁵

Podemos, assim, verificar que, nesse modelo, a oposição *frente/atrás* se estrutura sobre a oposição *proximidade/afastamento* da **zona de actuação**. Por isso mesmo, esse modelo da frontalidade é “contraditório” de alguma forma com outros modelos (o do movimento, por exemplo), em que a um maior afastamento pode corresponder a zona “mais à frente”.

O facto de o elemento configurador da *frente* desse modelo não ser um ponto pertencente a uma recta, mas antes uma zona, leva a que a frontalidade não seja obrigatoriamente unidireccional, como em todos os outros, mas possa ser **multidireccional**.

⁵ Note-se que é este modelo de configuração do eixo *frente/trás* que distingue, no português europeu, *bicha* de *fila*. Actualmente a palavra *bicha*, para designar “fileira de pessoas” é muitas vezes preterida devido ao facto de também significar, sobretudo no português do Brasil, *homossexual masculino*. Muitas pessoas optam por utilizar sempre *fila* defendendo que, fora a dimensão sexual, significa o mesmo que *bicha*. Ora, no português europeu, *bicha* e *fila* não significam a mesma coisa. Em *bicha* está presente este modelo mental da espacialidade que implica uma ordenação e uma relação à *frente/atrás*. Em *fila* tal não acontece. Por isso é que não se diz *Na avenida há duas bichas de árvores*, mas sim *Na avenida há duas filas de árvores*. É evidente que *fila* pode ter um desempenho idêntico a *bicha*, desde que se acrescente uma unidade lexical que forneça a informação que aquela *fila* é composta de objectos intrinsecamente orientados: uma *fila de carros*, uma *fila de pessoas*, etc.

Uma praça de touros é um exemplo concreto:

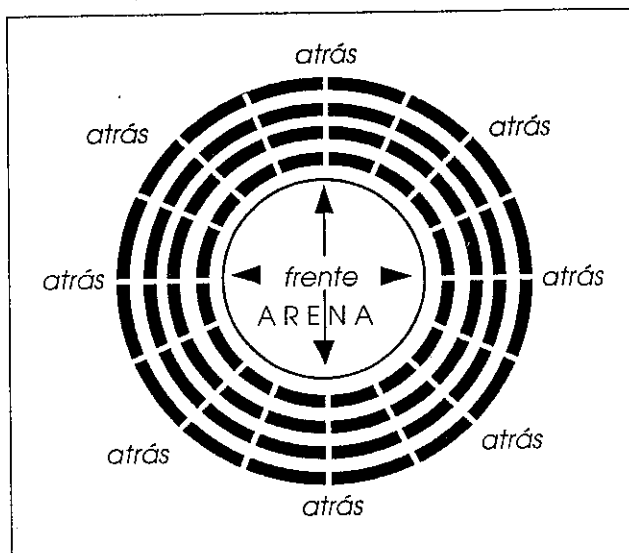


Figura 28

Foi dito há pouco que prototipicamente, nesse modelo, a zona de actuação (que equivalerá ao Configurante) é estabelecida a partir do encaramento de dois elementos humanos, sendo plural um dos referidos elementos. No entanto, o modelo também funciona com outros elementos não humanos e não-animados, desde que se possam configurar numa situação de encaramento. É exactamente esse facto que permite que se possa traduzir a seguinte situação pelas frases:

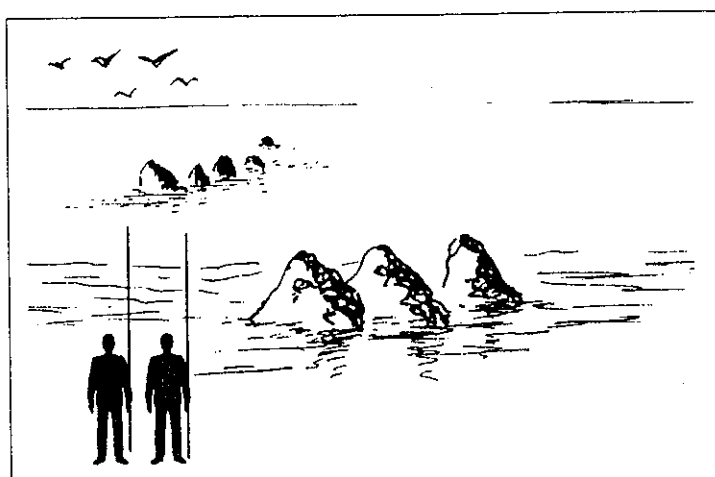


Figura 29

- 43) Nestes rochedos cá da frente há pouco peixe. Nos que ficam lá bem atrás é que há muito.
44) Há muito peixe naqueles rochedos lá atrás.
45) Há muito peixe nos últimos rochedos, lá bem atrás.

Note-se que a mesma situação pode ser traduzida de forma exactamente oposta:

- 46) Nestes rochedos cá de trás há pouco peixe. Nos que ficam lá bem à frente é que há muito.
47) Há muito peixe naqueles rochedos lá à frente.
48) Há muito peixe nos últimos rochedos, lá bem à frente.

Isso é possível porque pode haver dois modelos em jogo. As frases 46)-48) assentam no modelo do movimento (ver a seguir 2.2.5.) ao pressuporem a distância a percorrer entre os pescadores e os rochedos. As anteriores, só podem ser entendidas a partir do modelo do encaramento, que faz do mar um objecto orientado e “faceando” com uma pessoa na praia para ele voltada. A praia, concretamente o sítio onde as ondas batem na areia, é, assim, a zona de actuação, tornando possível, deste modo, que as ondas *da frente* sejam as mais próximas da praia e as *de trás* sejam as que dela estão mais longe.

A aplicabilidade desse modelo a situações como a agora analisada ajuda-nos a compreender melhor o funcionamento do próprio modelo. É que numa situação prototípica como a da aula, a primeira justificação “evidente” que aparece é que uma fila de cadeiras/alunos está *atrás* de uma outra porque fica nas respectivas costas. É este um argumento correcto, mas que não explica correctamente a situação, já que há outros elementos envolvidos e que contribuem para construir um modelo localizador que depende de vários factores e não apenas de um. Agora, na situação da praia, não há “costas” de nada, e o mesmo modelo funciona. Isto prova, em primeiro lugar, que não há apenas um elemento configurador (as costas dos alunos no modelo prototípico), mas um modelo de configuração resultante de vários elementos. Em segundo lugar, vê-se que o elemento Configurante no modelo é a *zona de actuação* a partir da qual todos os elementos são configurados, independentemente das respectivas posições relativas de encaramento: um aluno pode estar sentado de lado ou de costas na sala que isso não colide com o facto de estar *à frente* ou *atrás*; qualquer que seja a orientação dos dois pescadores que estão na praia, continuam válidas as seis frases (43)-48)) que legendam a Figura 29.

O modelo dinâmico do movimento

Um quinto modelo que pode suportar as configurações da frontalidade é o que se baseia no movimento. Aparentemente, é aquele que, no seu funcionamento, menos está ligado aos modelos anteriores. Na verdade, para este modelo não interessa a posição do LOC ou de qualquer outro observador. O único vector estruturante é o do movimento do(s) objecto(s), desde que tal movimento se faça apenas numa única direcção e sentido. A figura representa uma situação típica: onde quer que se coloque o observador, o rato *está* (sempre) à *frente* da bola e esta à *frente* do gato:

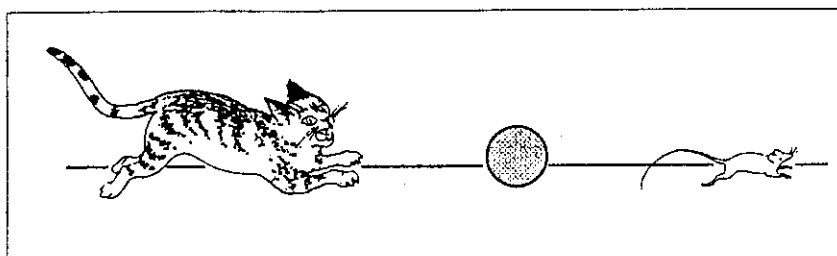


Figura 30

O esquema abaixo representa este quinto modelo:

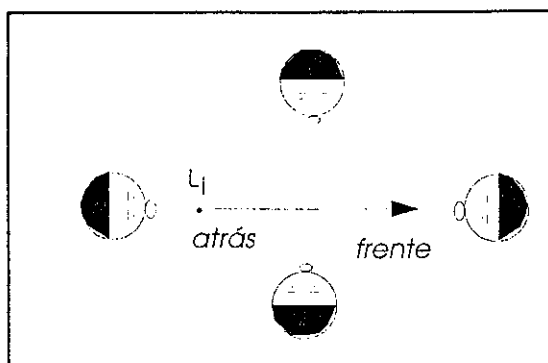
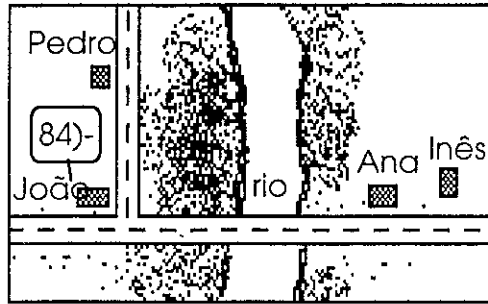


Figura 31

O início de *trás* coincide com L_i , ou seja, o Local inicial do movimento, e *frente* com o ponto mais avançado (o último ponto) realizado. Como é fácil constatar, e dado que o modelo só depende do vector [L_i ? último ponto realizado], o ponto de vista de um qualquer LOC ou observador não altera as configurações que o modelo estabelece. Podem existir múltiplos observadores, ou, sendo um, mudar de posição que a relação *trás/frente* permanece a mesma.

O movimento estruturador deste modelo não tem que ser obrigatoriamente físico; pode ser igualmente nocional ou intencional,

comportando-se o modelo da mesma forma. Repare-se na situação representada pela Figura 32 e nas frases a ela relativas (49)), pronunciadas na casa do João (que funciona, portanto, como L_i):



- 49) -A casa da Ana fica à frente do rio?
 -Fica um pouco mais à frente.
 -E a da Inês?
 -Essa ainda fica mais à frente!
 -E a do Pedro, é mais atrás ou mais à frente?
 -A do Pedro fica noutra direcção.

Figura 32

As casas são localizadas *atrás* ou *à frente* relativamente à casa do João. Esta funciona como L_i de um movimento virtual, não realizado, traduzido por um vector com início em L_i (casa do João) e que se prolonga sempre na mesma direcção. Os pontos que ficam fora deste vector não podem fazer parte desta configuração espacial *atrás/ à frente*, nem podem ser situados relativamente a ela. Exigem um outro vector e, por conseguinte, uma outra configuração. Vê-se, assim, que não é apenas a distância em si que estrutura nesse modelo, as relações *atrás/à frente*. Um ponto pode estar muito perto de L_i e não poder ser considerado, por se inserir num outro vector. É o que acontece, aqui, com a casa do Pedro que, embora ficando muito mais perto, não pode ser considerada *atrás* ou *à frente* das outras já que exige um outro movimento nocional/ intencional e, portanto, um outro vector, implicando, assim, uma outra configuração.

Esse modelo, que se pode chamar **modelo do movimento** é, de certa forma, o inverso do modelo anterior, como se pode comprovar no seguinte esquema comparativo:

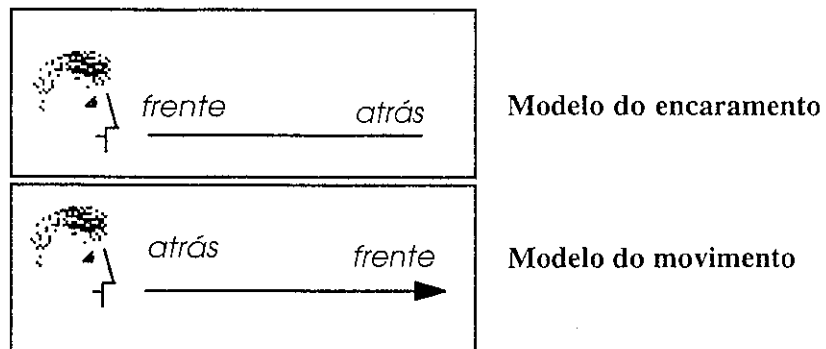


Figura 33

No modelo do encaramento, o espaço mais próximo do objecto que funciona como Configurante, melhor, do objecto que se situa na zona de actuação, correspondia a *à frente*, e o espaço mais afastado correspondia a *atrás*. Nesse último modelo acontece o inverso: o espaço mais próximo do local em que se encontra o Configurante corresponde a *atrás*, e o espaço mais afastado corresponde a *à frente*.

Parece, assim, dever concluir-se que esses dois modelos pouco ou nada têm em comum, já que, no fundo, acabam por configurar de forma antitética o espaço.

Pura ilusão. Esses modelos têm muito em comum; melhor, têm quase tudo em comum, na medida em que tanto num como noutro o modelo subjacente é o modelo original prototípico.

No modelo do encaramento já demonstrámos os mecanismos que o ligam ao prototípico. E neste?

Muito simples, como não podia deixar de ser num sistema tão ergonómico como a língua é. Esse último modelo não é mais do que o modelo original expandido por uma projecção. E é o movimento o elemento que desencadeia essa projecção.

Como o movimento típico do ser humano é realizado na direcção da sua frente, se se conceptualizar o espaço desse movimento como um todo, projectam-se nesse espaço as mesmas coordenadas que configuram o ser (prototipicamente) humano que o percorre (física ou intencionalmente). Ou seja: configura-se o espaço percorrido **da mesma forma** que é configurado o ser que o percorre. Simples e eficiente. E, em vez de um modelo contraditório relativamente ao original, temos, no fundo, o mesmo modelo original numa outra perspectiva: agora assimilado ao espaço do movimento. A Figura 34 sintetiza, em esquema, o processo:

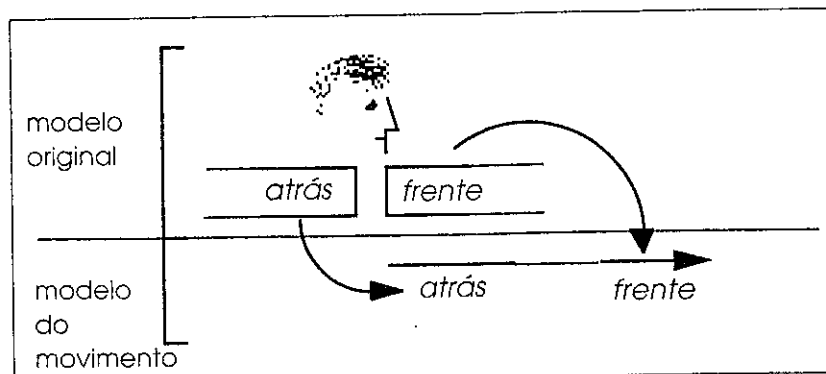
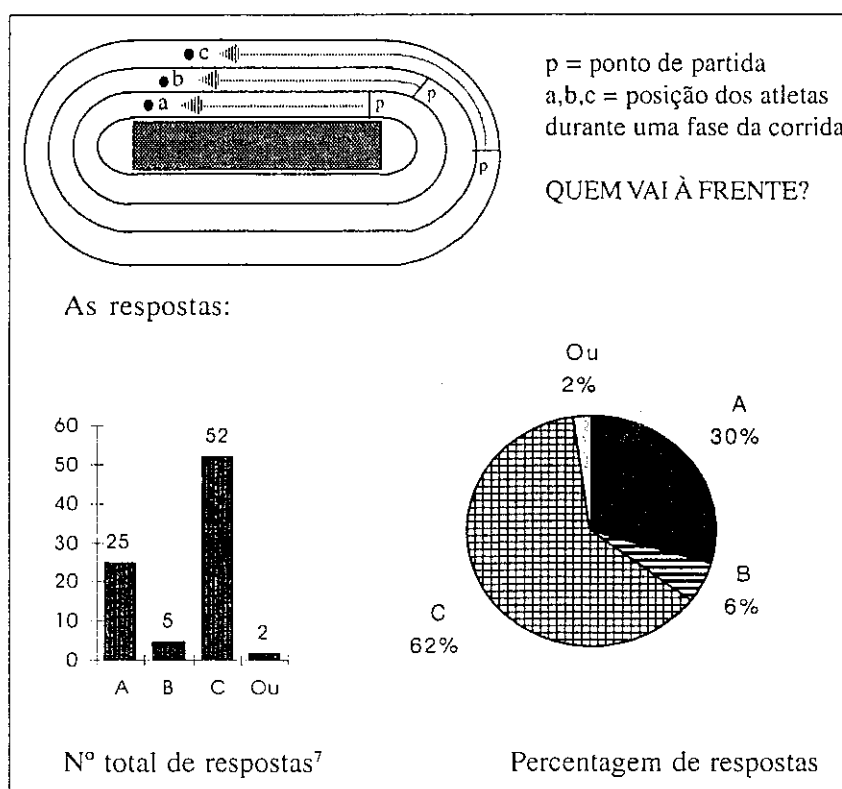


Figura 34

Movimento e antonímia configurativa

A aceitação de vários modelos que configuram uma mesma relação espacial (neste caso *frente/trás*) explica com bastante simplicidade aquilo que à primeira vista aparece como “contradição” ou ilogicidade nas equivalências entre uma língua A e uma outra língua B, ou até, dentro da mesma língua: a um mesmo objecto ou situação poder ser atribuída uma orientação espacial e simultaneamente uma outra inversa à primeira.

Para podermos, na prática, comprovar até que ponto o movimento interfere com os modelos de *frente/trás*, testámos, com 83 alunos,⁶ a seguinte situação:



⁶ Esse inquérito foi apresentado a três turmas do primeiro ano (Português, Português-Francês e Português-Inglês) na Universidade do Minho em Abril/97, tendo cada turma realizado o teste separadamente. Antes de o esquema ser mostrado, pedimos aos alunos que não trocassem qualquer impressão antes da resposta que deveriam dar. Deviam apenas escrever uma letra, sem demorarem muito tempo (apenas 4 ou 5 segundos) e tapando o papel da resposta com a mão para não influenciarem os vizinhos.

⁷ Ou= Outras respostas.

As conclusões a tirar são múltiplas e interessantes.

Em primeiro lugar, os resultados demonstram inequivocamente que a relação *frente/trás* não pode ser apenas explicada por um modelo mental, já que há dois grandes blocos de respostas coincidentes. Por outro lado, demonstram igualmente que para a maioria bem significativa dos falantes do português europeu a noção de movimento interfere com a configuração do espaço que a língua realiza. Ou seja, há aqui duas hipóteses, correspondentes a dois modelos, de se definir o que é a *frente*. Se se optar por um modelo estático, considerando que se está perante uma fase da corrida, como se estivéssemos a ver uma fotografia da corrida, então, o atleta {A} é quem está *na frente*. Repare-se que a posição relativa dos atletas corresponde à seguinte situação:

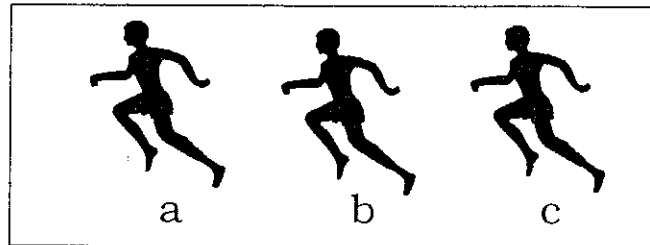


Figura 35

Devido a isso, compreende-se que essa configuração tenha obtido uma percentagem significativa de respostas. No entanto, para além do espaço estático, o falante pode conceptualizar os três atletas como inseridos num mesmo percurso que implica movimento. E como sabe a distância percorrida por cada um, pode traduzir a situação pelo modelo do movimento: nesse modelo, quem percorreu mais espaço, a partir do mesmo ponto de partida, é que vai à *frente*. Como os pontos de partida foram diferentes, o falante projecta a totalidade do movimento num mesmo ponto de partida virtual e "vê" assim o atleta [C] à frente:

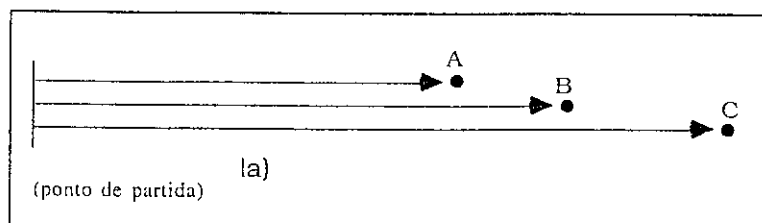


Figura 36

Não é argumento dizer que [C] é perspectivado à frente no sentido de estar mais perto do fim. Em primeiro lugar, porque a meta final não está marcada. E mesmo que se entenda a meta como coincidindo com o ponto de partida, a [A] e mesmo a [B] faltaria percorrer muito menos espaço. Se fosse essa a perspectiva, então, [A] e [B] estariam “à frente” de [C].

Essa conceptualização que faz interferir o movimento total (realizado e a realizar) na configuração do espaço prova que nós podemos configurá-lo não apenas fotograficamente (modelos estáticos – perspectiva optada por 30% que assinalou a opção {A}), mas também dinamicamente (mais de 60%).

Há duas respostas que não optaram por nenhuma das hipóteses. Uma diz “ninguém”; a outra, “vão os três ao mesmo tempo”.

É bastante curiosa esta resposta, já que na sua aparente contradição ela confirma o que acabámos de dizer: a interferência do movimento nas relações espaciais. Dizer “ao mesmo tempo” equivale aqui a dizer “lado a lado”. A única diferença entre esta resposta e as que optaram por {C} é que o seu autor calculou mal o espaço percorrido, considerando-o equivalente. Considerou, portanto, que aquela situação equivalia a uma em que os atletas iam a par. E “traduziu” ir “lado a lado” por “ir ao mesmo tempo”, já que, na construção do modelo mental que representa a situação, o espaço tem que ser “cruzado” com o movimento. Ora, o tempo é o elemento que faz o respectivo cruzamento.

Por outro lado, esta mesma resposta confirma-nos como os falantes fazem a implicabilidade de espaço/tempo de uma forma automática:⁸ no movimento, referir o tempo pelo espaço que ele implica e vice-versa.

Muitas outros factos da vida real podem testemunhar da mesma forma a oposição entre modelos aplicáveis à mesma situação. Sirva de exemplo o seguinte diálogo, por nós presenciado na praia, na altura da maré baixa:

50) A - Olha como o mar já está lá para a frente...

B - Lá para a frente ou lá para trás?

A - É a mesma coisa.

A Figura 37 ilustra essa situação em que se contrapõem dois modelos diferentes e contraditórios relativos ao eixo da frontalidade:

⁸ Ver Teixeira (2001:466-77; 494-500).

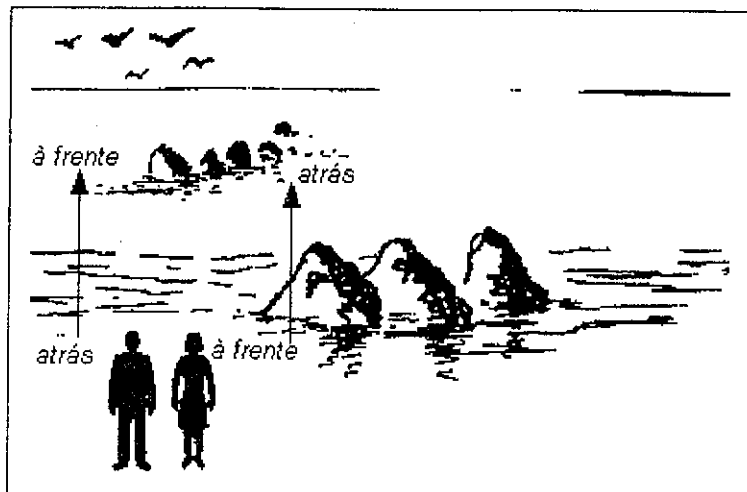


Figura 37

Não se pode dizer que {A} e {B} estejam a ver duas realidades diferentes ou mesmo que estejam a ver a mesma realidade mas de forma oposta. Na verdade, eles estão a ver **a mesma realidade da mesma forma**, aplicando contudo modelos mentais diferentes, neste caso, do eixo da frontalidade. {A} aplicou primeiro o modelo do movimento: “viu”, assim, que o horizonte para o qual estava voltada era sempre *frente*. Pressupondo um movimento em que o mar se foi distanciando, indo até um pouco mais longe, traduziu a situação por “o mar estava cá atrás e agora está lá à frente”. Ao inverso, {B} aplicou o modelo do encaramento, o modelo que faz da área de actuação de {B} a *frente*. Nesta perspectiva, o mar foi “fugindo” desta zona, recuando até ao eixo oposto, *atrás*. Por isso, ser possível traduzir a situação da forma (linguística) aparentemente oposta a {A}: “o mar estava cá à frente e agora está lá atrás”. Os falantes têm, no entanto, a intuição que formalizar linguisticamente de modo antonímico (considerando *atrás/à frente* um par do género) a situação, não implica estar a dizer ou estar a ver o oposto, mas tão-somente que são duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Mais correctamente, diremos, duas verbalizações antonímicas correspondentes a dois modelos diferentes mas que configuram a mesma realidade.

Para além dessas configurações situacionais, vale a pena prestar atenção a outras que podem ser consideradas mais “objectuais”. Por exemplo, a relação *frente/trás* num livro.

Se o livro for conceptualizado como um objecto feito, estático, e não se tiver em atenção a escrita, a *frente* é a parte junto às primeiras páginas, e a parte de *trás* é constituída pelas últimas páginas, terminando na capa mais à direita (com o livro na posição de ser

lido). Aplica-se, nesse caso, para a configuração *frente/trás* o modelo que se baseia na orientação intrínseca dos objectos. O “rosto” do livro é a capa onde está o título, e as primeiras páginas a seguir são as páginas consideradas “da frente”.

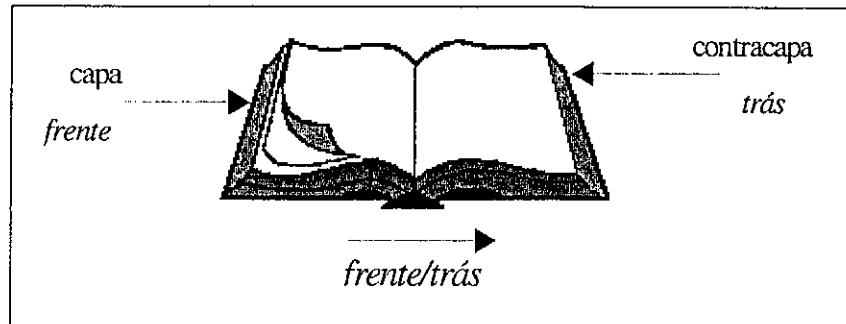


Figura 38

É por essa perspectiva que em português usualmente se interpretam frases como as seguintes:

- 51) Fotocopia o livro de trás para a frente.
- 52) A Joaquina rasgou o livro todo, começando por trás.
- 53) As primeiras folhas a descolarem foram as da frente.

No entanto, o livro considerado como um objecto composto pela linearidade da escrita já é visto, relativamente à espacialidade *frente/trás*, na perspectiva oposta: as primeiras páginas são as de *trás* e as de numeração mais alta as da *frente*. É evidente que se utiliza um modelo mental para configurar as relações *frente/trás* diferente do que se utiliza para o livro enquanto objecto. E esse modelo é, naturalmente, o modelo do movimento, suportado pela linearidade espaço-temporal da escrita.

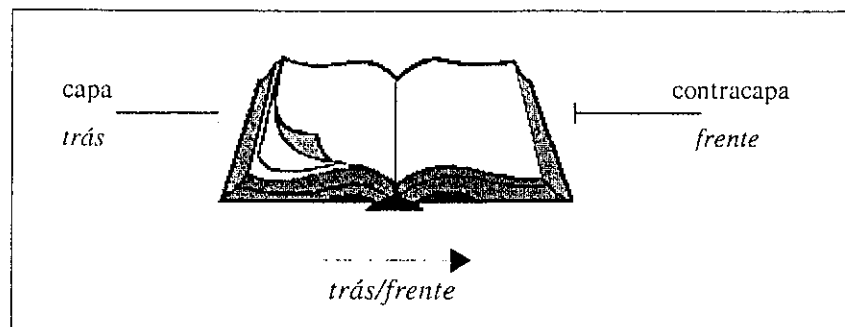


Figura 39

A relação da progressão é, agora, inversa da anterior. E é essa conceptualização que enforma frases como:

54) Já analisei isso atrás, mas bastante mais à frente, quase no fim, voltarei ao assunto.

55) Os primeiros capítulos d' *Os Maias* são uma seca! Os da frente são mais interessantes.

Se um livro (jornal, revista) pode ser inserido nestes dois modelos, teoricamente uma palavra também o pode ser. O português (pelo menos o europeu) no entanto, apenas admite um: a palavra é sempre inserida na perspectivada dinâmica do modelo do movimento (BATORÉO, 1994:52-53).

Esta diferenciação parece provar que desses dois modelos mentais, o do português europeu privilegia o dinamismo e o movimento. Mesmo quando o texto é um produto acabado, ele mantém esta mesma faceta, ao contrário do que acontece no modelo mental oposto.

Concluindo

O facto de uma mesma situação poder ser configurada no eixo *frente/trás* multimoda e antiteticamente, levou-nos a propor que esse eixo da espacialidade envolve variados modelos mentais. Por isso, apresentámos cinco modelos diferenciados (quatro “estáticos” e um “dinâmico”) que parecem explicar as respectivas possibilidades configurativas.

Pensamos que nesse ponto, e a partir dele, se pode comprovar como realmente *conceito e modelo mental* não são realidades idênticas. Como demonstrámos, o mesmo conceito linguístico de *frente* pode envolver cinco modelos diferentes, o que explica a “contradição” de o mesmo figurante, na mesma situação, poder ser configurado *à frente e atrás*.

No âmbito da estruturação semântica das unidades linguísticas, parece-nos que uma importante conclusão se impõe decorrendo do funcionamento dos modelos mentais apresentados. Os marcadores espaciais (pelo menos *frente/trás*) não podem ser vistos como tendo **um significado** dotado de traços semânticos nucleares omnipresentes que seriam “actualizados” com outros traços “acessórios” conforme os contextos. A análise e a modelização que propusemos pensamos que é mais conforme à realidade, já que nos mostra que os marcadores *frente/trás*, embora correspondam a modelos diferenciados, se organizam à volta de uma mesma vertente cognitiva constituída pelos elementos que determinam a atribuição da frente prototípica no ser humano. Só que não são, só por si, esses traços que compõem os

modelos de *frente/trás*, mas também determinadas implicações que eles acarretam (como [visibilidade]/[acessibilidade]) ou que a eles estão ligadas, como o movimento e as consequentes correlações espaço-temporais. Ou seja, um modelo mental não é “uma parte” dos traços totais, mas sim uma organização modelar composta por determinados traços/semas (como se queira dizer) e por implicações cognitivas que esses traços impõem à referenciação da realidade (como é o caso de *ocultação/inacessibilidade* para o modelo da visibilidade, ou das implicações espaço-temporais para o modelo do movimento). E assim se compreende que o mesmo conceito possa ter modelos diferentes que podem mesmo configurar antiteticamente a mesma realidade: porque, muitas vezes, à *frente*, pode ser igual a *atrás*.

Referências bibliográficas

- BATORÉO, H. J. *Andar e nadar: um problema linguístico ou cognitivo?* In: Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 1994.
- _____. *Expressão do espaço no Português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- CHARAUDEAU, P. La localisation dans l'espace. In: _____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- FORTS, JEAN-MICHEL. Sémantique cognitive et espace. In: RASTIER, François (Ed.). *Textes & sens*. Paris: Didier Érudition, 1996.
- HONRUBIA, J. L. C. *Lengua y espacio: introducción al problema de la deixis en español*. Secretariado de Publicaciones. Alicante: Universidad de Alicante, 1989.
- SVOROU, S. *The grammar of space*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994.
- TEIXEIRA, J. A *verbalização do espaço: modelos mentais de frente/trás*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2001.
- VANDELOISE, C. *L'espace en français*. Paris: Éditions du Seuil, 1986.
- VIOLI, P. Linguaggio, percezione, esperienza: il caso della spazialità. *Versus*, n. 59/60, 1991.